

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : O Liberal (PA)

CLASS. : _____

DATA : 6.3.86

PG. : _____

4468

Lucio Flavio Pinto

O futuro é hoje

A garimpagem expandiu-se no Pará sob a alegação de que era uma resposta a problemas sociais. A base social, de fato, existe. Não é por mera coincidência que o maior contingente de garimpeiros origina-se do Maranhão, o maior exportador de sem-terra, posseiro, peão e garimpeiro deste país. Nem é por acaso que muitos garimpeiros, talvez a parcela majoritária deles, são lavradores, obrigados a recorrer a outra forma de sobrevivência por falta de terras para trabalhar.

O garimpo é a atividade econômica que mais absorve mão-de-obra. Bastaria visitar Serra Pelada no pico de seu funcionamento para comprovar um processo racional de exploração reduziria o contingente humano para muito menos de 1% do que ali estava sendo empregado. Sem qualificação, o grosso dessa gente não conseguiria melhor remuneração em outra atividade. Ela também viabiliza pequenos investimentos e dá-lhes remuneração sem similar no mercado.

Estes são os aspectos que pode-se classificar de positivos. Mas há a outra face. Tanta gente em condições assim tão deprimidas, torna-se fácil instrumento de manobra para a realização de interesses inescrupulosos. A aparência de produtores autônomos encoberta a mais vil forma de exploração do trabalho, à margem da mínima proteção legal. A riqueza gerada afunila-se tanto, no momento do benefício, quanto na atividade organizada, ou até mais. O reinvestimento perde-se pelos desvios da especulação. A remuneração, frequentemente alta se comparada a função similar na economia formal, torna-se absurdamente baixa diante das condições de trabalho impostas à esmagadora maioria dos garimpeiros, que não são produtores autônomos e sim assalariados mal disfarçados (sob o péssimo disfarce da semi-escravização).

A produção é irracional, com perdas no rendimento e seqüelas individuais e coletivas. Sofrem também a natureza e a coletividade, não apenas o tesouro público.

Se há causação social no garimpo, portanto, como há, a forma de resolvê-la é mais danosa no resultado. O garimpo se alimenta do problema social, mas não é solução para ele, ao menos esta forma de garimpo que se dissemina na Amazônia, com as características agravadas particularmente no Pará. Um enquadramento mal feito, sob premissas falsas ou distorcidas pelo jogo de interesses que provoca (de um lado o "lobby" do garimpo, uma realidade pós-Serra Pelada, de outro o antigo — e até então hegemônico — "lobby" das empresas), tem alimentado uma estrutura que agora começa a se manifestar em dimensões monstruosas, inquietantes.

No final da semana passada, o governador Jáder Barbalho chegou a admitir que a questão do garimpo está se tornando mais séria do que a questão fundiária: "No futuro, vamos até sentir saudades dos problemas de terra quando comparados aos problemas que os garimpos estão provocando, se é que podemos falar de saudades nesses casos", comentou ele. Ontem, o governador referiu-se ao conflito do Xingu num tom irado, indignado até, contrastando com a postura que exibira uma semana antes, quando tomou a iniciativa de tentar uma composição entre os garimpeiros e a Oca Mineração.

O governador deu a impressão de que se considerava traído pelos garimpeiros. Provavelmente esperava um crédito de confiança e um prazo de carência para negociar o acordo com a empresa, cujas bases revelou ontem. Mas os garimpeiros (expressão genérica que esconde tantas categorias envolvidas) optaram pela pressão aberta

e direta, ultrapassando os limites fixados para os entendimentos.

Diante dos jornalistas, que o entrevistavam sobre a ofensiva contra os preços remarcados, o governador traçou os limites de uma saída pactuada para o impasse. Os garimpeiros terão direito a extrair ouro de um terço da área de concessão de lavra da Oca, nos locais onde o metal existe sob a forma aluvionar e, por isso, pode ser retirado pelos métodos tradicionais de garimpagem (o bateiamento). Os outros dois terços, onde se encontra o ouro primário, serão trabalhados exclusivamente pela Oca, responsável pelas descobertas.

Sem formulação tão explícita, a proposta já fora apresentada duas semanas atrás, mas os garimpeiros demonstraram, menos por palavras do que por atos, sua inconformidade. "Eles querem tudo ou nada. Não é uma posição correta. Os direitos na área são da empresa. Os garimpeiros não encontraram o ouro e muitos só estão chegando agora, vindos de outros Estados", argumentou o governador. Fora do proposto, ele não negociará mais e disse estar disposto a transferir até metade do contingente da Polícia Militar para Altamira a fim de impedir atos de represália dos garimpeiros, se eles recusarem a proposta.

A situação tornou-se extremamente delicada, mas é impossível deixar de admitir que o governo está sem alternativa. Outra atitude além da que assumiu agora, considerando-se as peculiaridades do caso, significaria expor a sociedade vizinha do conflito a um grau de risco intolerável por conta de represálias que não lhe dizem respeito. O quadro dramático que o governador prevê para os próximos dias já é realidade dos nossos dias. Ou o problema é enfrentado e enquadrado satisfatoriamente, ou seremos atropelados por ele.